

A SINFONIA BÁRBARA¹

Nancy Villar



[7]² — Gina, deixa esse piano!

A pequena fingia que não escutava.

— Gina, vem tomar café, já está na hora de ir para o colégio.

Só à terceira chamada é que ela largava o piano e ia correndo pegar a mala e o chapéu e depois entrava na sala de almoço, onde o café com leite esfriava. Seus ouvidos já vinham preparados para a costumeira repreensão de d. Ernestina pelo seu atraso. Essa mesma cena repetia-se quase todos os dias. Porque Gina era teimosa e colocava a música e o seu velho piano acima do colégio e dos estudos.

— Para que aprender tanta coisa, mamãe? A senhora, quando era pequena, aprendeu tudo isso e hoje não se lembra quase de nada. Ontem, não soube resolver aquele problema que eu lhe dei, e outro dia, quando lhe perguntei as datas das batalhas dos Guararapes, a senhora não se lembrava mais. Quando eu crescer, com certeza vou esquecer tudo isso!

¹ VILLAR, Nancy. A sinfonia bárbara. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XXX, n.12, p. 7-10, 21 mar. 1936.

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

D. Ernestina chamava-a de vadia, de preguiçosa, e dava-lhe inúmeros conselhos, mas interiormente se divertia com essa lógica infantil. Menina que tinha sempre, para tudo, uma resposta prontinha na ponta da língua. Que gostava de fazer umas perguntas desconcertantes. Gina não gostava de estudar — era no bonde que decorava as lições, e os problemas e as redações ela as fazia às pressas em casa, antes de se deitar. E, no entanto, tinha tempo de sobra para o estudo. O colégio acabava às três horas, e às três e meia já ela estava em casa. Gina, se tirasse todo o dia uma hora, ou pouco mais, para decorar as lições e fazer os exercícios, seria uma ótima aluna, porque a pequena era inteligente e bastante esperta para os seus onze anos. Mas não. Quando chegava em casa, vestia o maiô e ia logo para a praia. Gina tinha paixão pelo mar. Nadava bem e sabia furar aquelas ondas grandes que estouram com fúria na areia. Ela não se cansava todos os dias de admirar a beleza da praia, do céu, do conjunto harmonioso. Ficava até cinco horas deitada na areia apanhando no corpinho franzino o sol morno da tarde, ou brincando com as ondas que rolavam, rolavam até se desfazerem em espuma branquíssima. Quando chovia, d. Ernestina prendia-a em casa. E a sereiazinha se desolava. Banho de mar com chuva ela ainda achava melhor. A água do mar ficava tépida e os pingos de chuva, quando caíam no corpo, produziam uma sensação esquisita e agradável. Gina, quando chegava da praia, nem pensava em estudos. Ia conversar e contar prosa com as amiguinhas que moravam perto, ou então trepava na bicicleta e ia dar uns giros pelas ruas vizinhas. D. Ernestina, a princípio, só a deixava andar pela calçada; mas Gina tanto pediu, que acabou conseguindo que a mãe mandasse tirar uma licença para a bicicleta. Agora podia até correr o bairro todo, se quisesse; mas “seu” Antunes temia um

atropelamento por algum automóvel, e só deixava a filha andar pelas ruas mais próximas, sem grande movimento. Gina só chegava em casa para jantar. Depois era a vez do piano. Tocava, tocava, [8] até que d. Ernestina a chamava para ir se deitar. Então, às escondidas, e à luz fraca do abajur da mesinha de cabeceira, ela fazia os deveres, com os olhos pregados de tanto sono. Às vezes, a mãe desconfiava e batia na porta do quarto:

— Vai dormir, Gina! Amanhã acordarás mais cedo e farás o exercício.

Mas a menina só largava o lápis quando estava tudo acabado, porque sabia que no dia seguinte de manhã não teria tempo. Só teria os minutos necessários para decorar a Geografia ou a História.

— A benção, mamãe. Até amanhã.

E puxava as cobertas para fingir que ia dormir. Porém, mal escutava os passos de d. Ernestina se afastarem, continuava o trabalho. Como é de esperar, os deveres saíam sempre mal feitos. E isso se dava quase todas as noites, porque Gina achava a vida boa, e não queria desperdiçar um minuto sequer do seu tempo. (O estudo, a seu ver, era um lamentável desperdício de tempo...). De manhã cedo, acordava às sete horas com o despertador e entrava, depois de alguns bocejos — a cama estava tão boa, e o travesseiro tão macio! — debaixo do chuveiro, que lhe tirava um restinho de sono que sempre ficava pesando-lhe nas pálpebras. Vestia o uniforme, e depois de pronta, já o cabelo penteado corretamente em duas pastas que teimava em subir e enrolar, tão crespo era o seu cabelo, ela ia para o piano até que a mãe a chamava para o café. Gina não conhecia uma nota de música. Tocava obedecendo a um instinto harmonioso que a impulsionava, e de ouvido. Compunha também melodias extravagantes, que no dia seguinte não saberia repetir. D. Ernestina já lhe quisera dar uma professora de piano,

mas a menina recusara, teimosa. Gostava de tocar assim mesmo, sem obedecer às regras do papel pautado, cheio de sinais. Ela tinha um temperamento muito voluntarioso, que a mãe até com castigos não conseguira modificar. Seria sempre assim, a mesma vadia que não ligava aos estudos, só levando a sério o piano e os banhos de mar. E os dias da sua vida iam rolando, sempre iguais e sempre animados pela sua alegria inata...



— Gina, teu pai já está almoçando. Vais ficar atrasada.

No piano, ela fingia que não estava ouvindo. D. Ernestina tinha que repetir a chamada. Os anos que passaram não haviam modificado em nada o seu temperamento e os seus hábitos. Continuava a mesma teimosa, que quando ia para o piano não queria mais largá-lo. Completara os seus dezoito anos no mês passado. O seu corpo franzino se havia desenvolvido esbelto e de linhas perfeitas sob o sol de Copacabana. Estava agora mais alta do que a mãe, e bonita. Os cabelos castanhos, muito crespos, ela os trazia sempre curtos, e condiziam bem com a sua fisionomia de garota que se fez mulher sem dar por isso. Gina não era vaidosa. Pintava o rosto e punha batom nos lábios, porque as moças todas a faziam e ela não queria passar por original. Mas mesmo sem pintura ela era bonita. Seus olhos azuis eram cheios de vida, e sombreados por longos cílios; a boca, levemente arqueada e carnuda, era naturalmente vermelha. Ela era morena — tostadinha pelo sol que apanhava todos os dias na praia. E essa tonalidade bronzeada da pele lhe ficava bem. Gina trabalhava agora junto com o pai, no Ministério, mas em repartição diferente. Todos os dias os dois almoçavam cedo, às dez horas,

para seguir logo para o trabalho. Fora disso, o rumo de sua vida continuava o mesmo. Só os passeios de bicicleta foram substituídos pelo *footing* no posto dois, e a sua paixão pela música acentuara-se ainda mais com o tempo. Ela estava noiva, mas na absoluta ignorância do amor. Esse sentimento só encontrara nos poucos romances que lera, não na vida real. Tivera já alguns namorados, mas foram sempre aventuras sem importância. O dr. Waldo, filho de um amigo do pai, quisera, porém, levar mais longe o flerte que se iniciara por passatempo, enquanto os dois velhos discutiam política e fumavam, na varanda da casa de Gina. A convivência se havia tornado mais íntima, quando “seu” Lemos se mudara para uma casa situada na esquina da rua em que morava o amigo. As relações entre os dois estreitaram-se ainda mais, e aumentara o grau de intimidade cordial entre Waldo e Gina. Aquele levava a sério o namoro e o resultado é que ficou noivo da moça de olhos azuis e de cabelos crespos e curtos como os de algum anjo bizantino. Mas Gina desgraçadamente não o amava — ficara noiva porque já se julgava em idade de casar, e porque ignorava a felicidade que o amor pode levar ao casamento. Isso seria um episódio na sua vida. Nada mais. Ela continuaria com o piano, com o *footing* no posto dois, com todos os seus hábitos, enfim. Não sairia de Copacabana. Iria morar com Waldo num apartamento trepadinho em algum arranha-céu da Avenida Atlântica.

— Gina, vem almoçar.

Era a terceira chamada. Pegou a bolsa que estava em cima do piano, enterrou a boina nos cabelos crespos, e desceu correndo as escadas. O pai já estava no meio do almoço; por isso ela teve que comer depressa para não ficar atrasada. O relógio da sala bateu dez e meia. “Seu” Antunes foi buscar o chapéu e a pasta, deu um beijo rápido na mulher e foi saindo.

Gina tomou um último gole d'água, beijou também a mãe, e foi correndo atrás do pai, que já estava no portão. Quando eles chegaram na praia, para tomar o ônibus para a cidade, o verão cantava pelo céu muito azul, que se refletia nas águas revoltas do mar, que nessa manhã estava muito forte. No posto havia mesmo a bandeira vermelha. O espetáculo sempre novo do elemento em fúria empolgava. E Gina não despregava os olhos do mar, que rugia em lamentações soturnas, como um gigante em delírio, que desabafava a sua raiva jogando torrentes impetuosas de água na areia. Passou o Mauá-Leblon, e eles o tomaram. No ônibus, Gina refletia na grande felicidade calma que até agora fora a sua vida. Sem [9] grandes emoções, é verdade, mas tranquila e suave, como tranquilas e suaves eram as suas composições ao piano. No mês seguinte casar-se-ia, e ela tinha a vaga impressão de que o curso da sua vida, insensivelmente, iria mudar. Primeiro, porque, deixaria o trabalho, e iria estranhar com isso e também porque deveria dedicar-se ao marido, não pensando, como até agora, somente, e dentro de um inconsciente egoísmo, na própria felicidade. O olhar azul que ela mergulhou na superfície também azul do mar estava cheio de interrogações, e de obscuros e esquisitos pressentimentos...



Quatro, cinco, seis meses são passados. Gina, estendida no sofá macio do escritório do seu apartamento, com uma lágrima presa indiscretamente no canto dos olhos. De vez em quando um soluço lhe sacode o corpo, e ela vira o rosto para o outro lado, como para afugentar visões apavorantes. São mais ou menos seis horas. O sol ainda anima o

movimento da Avenida Atlântica e coloca reflexos de todas as cores no mar. O sono de Gina era tão leve, que ela escutou as passadas do marido que se aproximava. Fechou os olhos depressa, para fingir que dormia ainda, mas os seus cílios tremeram e ela se traiu. O homem viu toda essa manobra, e sorriu, preocupado assim mesmo como estava.

— Gina, meu amor, perdoa-me! Eu te amo muito e fico desorientado quando te noto sempre indiferente para comigo. Julgo quase impossível que o meu amor não te tenha contagiado. Ele grita em todas as células do meu ser, em todas as fibras do meu sentimento... E eu te vejo fria, como se não quisesse perceber o quanto sofro com essa tua atitude. Se me exaltei um tanto, hoje de manhã, foi porque perdi a cabeça com a tua incompreensão...

— Chamaste-me desalmada... Insultaste-me...

— Se não me amavas, se a minha presença só te trazia desagrado, por que consentiste em casar comigo, por que? Com certeza para tentar uma aventura inédita...

Gina não respondeu. As palavras do marido e as suas expansões amorosas irritavam-na, e ela só tinha um único desejo: expulsá-lo de sua vida... Mesmo assim, em separação ela não pensava, porque a sociedade hostiliza sempre as desquitadas. Para fugir às desagradáveis emoções que agora experimentava, foi para o piano, e aí ficou durante muito tempo esquecida de tudo, improvisando melodias nervosas, verdadeiras sarabandas de notas. A sua vida! Cada vez que pensava nela, sentia uma imensa, uma dolorosa vontade de rir. Por que não era feliz, por que? Somente por não amar o marido e lhe ser penoso notar que o tornava infeliz. E Gina só se consolava no piano — tocava, tocava horas seguidas, encontrando nas notas bizarras o bálsamo para a incompreensão que devastava a sua vida.

Gina era egoísta. Só pensava em si. Contanto que ela afogasse em passeios, em diversões, na música a monotonia que agora pesava na sua existência, pouco ou nada se importava com o sofrimento do marido. E mesmo ela achava justo que ele fosse procurar se distrair por outro lado. Porém nunca imaginou sequer a hipótese de alguma aventura séria de sua parte. Por isso indignou-se com a revelação maldosa que uma das suas amigas lhe fizera sobre a vida do marido. Waldo tinha uma amante. Uma loura de olhar meigo, que lhe disseram bonita. Gina não o amava. Portanto, se o caso não ficasse público, pouco lhe deveria incomodar. Mas deu-se justamente o oposto, por uma contradição malvada do destino, que iria desgraçar-lhe mais tarde a vida. Gina, dentro de um sentimento estranho e insensato de ciúme, sentia despertar-lhe o amor que ficara um dia surdo às súplicas do homem que agora o inspirava. Sentimento complexo e bizarro... E o seu amor crescia cada vez mais, na voragem das suas emoções exaltadas, empolgando-lhe os sentidos e cegando-lhe a consciência. Por amor próprio ela não se animava a romper a barreira que os separava, ainda mais agora, que sabia que ele andava com outra... Fazia já mais de um ano que viviam quase completamente separados, só se encontrando nas refeições, cada um gozando da mais absoluta liberdade...

Depois do jantar, logo que ele saíra, Gina sentiu-se mais nervosa do que nunca. O coração latejava-lhe com fúria no peito, como se quisesse saltar, sentia a cabeça em ebulição, e [10] um aperto convulsivo na garganta... Chegou até a janela para refrescar o rosto afogueado, e ficou espiando o movimento do tráfego, lá embaixo, na Avenida Atlântica, que era uma fita comprida de asfalto vista do sexto andar daquele arranha-céu. Os automóveis então pareciam brinquedos de corda, tão pequenos e ligeiros. O

mar, sempre majestoso, com a espuma branquinha contrastando com a superfície escura, mergulhada nas sombras da noite. Gina deixou as horas correrem uma por uma. Não tinha sono. A agitação acentuada dos seus nervos mantinha-a acordada... Meia-noite! Uma hora! Duas! Nada de Waldo chegar. Foi só depois das três que ela escutou a chave da porta do pequenino apartamento ranger na fechadura, e o marido entrar. Com certeza viera de alguma farra. Cantava o estribilho de uma marchinha carnavalesca, com uma voz pastosa e rouca de quem houvesse bebido muito.

“Você ganhou, ganhou, / Mas não leva, / O coração da minha Eva...”

Os passos arrastados do marido se aproximavam do escritório onde ela estava. Gina, imobilizada pelo conflito de sentimentos e emoções que experimentava, viu-o entrar, com o chapéu jogado para trás, e depois cair pesadamente no sofá, ali mesmo perto dela. Não era a primeira vez que o via chegar em casa embriagado, já deveria estar habituada com os excessos a que ultimamente o marido se entregava. Mas nessa noite ela sentia o seu amor doentio e violento gritar-lhe ferozmente no íntimo. Um ciúme e uma raiva impotentes esgazeavam-lhe a vista e a razão. Quase sem pensar, ela abria uma das gavetas, e dela tirou um revólver. O marido olhou-a sem compreender, e depois cerrou os olhos que estavam pesados de tanto sono. Gina apontou-o na sua direção e puxou o gatilho. Um, dois, três tiros... Na camisa do homem apareceu uma grande mancha de sangue, que se foi alastrando. Sua cabeça tombou para um lado.

Ainda sem avaliar a enormidade do crime que cometera, ela chegou perto dele e sacudiu-o. Nada. Uma gargalhada esquisita pôs lágrimas nos seus olhos. Palavras sem nexos lhe saíam dos lábios:

— Ele chegou alegre, até cantando...

“Você ganhou, ganhou, / Mas não leva, / O coração da minha Eva...”

E ela ria...

— Estava tão contente... E agora... morto!

Seu olhar caiu sobre o piano, que, de um canto daquela mesma sala, presenciara o desenrolar do drama. Jogou a arma no chão, e foi para ele. Seus dedos ágeis e excitados corriam pelas teclas. O piano estremecia com as notas fortes como imprecações, a rugirem e a se espalharem com o ritmo estranho de alguma estranha melodia.

No apartamento vizinho escutaram os tiros. Foram avisar o porteiro. Dez minutos depois, batiam à porta, mas inutilmente. Uma barulhada incessante abafava o ruído. A campainha havia já uma semana que estava quebrada, e ainda não havia sido consertada. O porteiro foi embaixo buscar um molho de chaves, e, depois de experimentar algumas, encontrou uma que servisse. Entraram no apartamento. E um quadro tétrico os esperava. No sofá, o cadáver de um homem, congestionado, com uma grande nódoa de sangue no peito, que escorria pela camisa, pela roupa, e ia pingar o tapete, e ao piano, uma mulher com os cabelos muito crespos despenteados, e os olhos muito azuis, abertos desmesuradamente, tocando uma música forte, que machucava as teclas do piano...

As notas gemiam, gritavam em lamentações desesperadas e infernais...

Era a “Sinfonia Bárbara”.

A “Sinfonia Bárbara” do seu amor...

Seus dedos martirizados voavam pelo teclado... Alguns já sangravam. Mas parecia que ela não sentia a dor. Tocava. Tocava sempre. Por fim, caiu exausta sobre o piano. Uma convulsão horrorosa agitou-lhe o corpo todo.

O porteiro e mais o casal do apartamento vizinho, espectadores dessa cena, imobilizados pelo espanto, continuavam de pé na porta, impassíveis, procurando compreender a horrorosa tragédia. Afinal, o porteiro, recuperando a presença de espírito, chegou perto da mulher — com certeza para fazer-lhe alguma pergunta esclarecedora — e tocou-lhe de leve no braço. Como se houvesse sido picada por uma cobra, ela deu um salto brusco para trás. Depois, vendo o corpo ensanguentado de Waldo e aquela gente estranha no seu apartamento, soltou uma gargalhada que soava mal e impressionava tetricamente. Sentou-se novamente ao piano, mas não chegou a tocar. A gargalhada continuava... Sacudia-lhe os ombros num violento espasmo, e esgazeava-lhe os olhos azuis, de onde toda a expressão havia fugido...

A loucura que se expandia naquela gargalhada pavorosa e macabra, era o epílogo da “Sinfonia Bárbara” do seu amor...

**FICHA TÉCNICA**

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez
Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva
Revisão textual: Amanda Marinho e Arthur Dias Fontes
Preparação: André Azevedo de Alvarenga, Larissa Adur,
Rosane Velloso e Sora Maia Souza
Design gráfico e redes: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras

